

A contribuição do Acompanhamento Terapêutico no tratamento dos transtornos mentais graves de usuários do CAPS/UNIFESP

Eixo temático: A técnica do AT em seus diversos campos de atuação

Autor:

Simone de Souza Silva

Jéssica Magalhães Tor

Brasil

RESUMO

Este trabalho, aliado aos preceitos da desinstitucionalização no campo da Reforma Psiquiátrica, reflexiona sobre a contribuição das práticas do Acompanhamento Terapêutico (AT) no tratamento dos transtornos mentais graves, aplicadas nas equipes de instituições da Saúde Pública.

Para tanto, realizou-se um estudo das intervenções em um grupo terapêutico itinerante de inglês com usuários do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), da Universidade Federal de São Paulo; pautando-se nos relatórios dos encontros ocorridos no período de um ano (Agosto 2017 - Agosto 2018), na fundamentação teórica sobre os conceitos do at (acompanhante terapêutico) enquanto função e o que se nomeia de “empuxo à cidade”, neste caso, o resgate da circulação do paciente na sociedade.

O grupo terapêutico de inglês constituiu-se em uma nova prática de AT em grupo, possibilitando uma nova vertente de tratamento para pacientes com transtornos mentais graves, e como potente ferramenta na terapêutica em saúde mental, explorando os interesses e as dificuldades individuais, as construções em grupo e a expansão do cuidado para fora da instituição.

Palavras-chave: AT, Saúde Mental, Saúde Pública, Grupos Terapêuticos

Link: <https://youtu.be/zYEaJ-FIEYU>

A contribuição do Acompanhamento Terapêutico no tratamento dos transtornos mentais graves de usuários do CAPS/UNIFESP

Este trabalho, aliado aos preceitos da desinstitucionalização no campo da Reforma Psiquiátrica, reflexiona sobre a contribuição das práticas do Acompanhamento Terapêutico (AT) no tratamento dos transtornos mentais graves, aplicadas nas equipes de instituições da Saúde Pública.

Para tanto, realizou-se um estudo das intervenções em um grupo terapêutico itinerante de inglês com usuários do CAPS (Centro de Atenção Psicossocial), da Universidade Federal de São Paulo; pautando-se nos relatórios dos encontros ocorridos no período de um ano (Agosto 2016 - Agosto 2017), na fundamentação teórica sobre os conceitos do at (acompanhante terapêutico) enquanto função e o que se nomeia de “empuxo à cidade”, neste caso, o resgate da circulação do paciente na sociedade.

O grupo terapêutico de inglês constituiu-se em uma nova prática de AT em grupo, possibilitando uma nova vertente de tratamento para pacientes com transtornos mentais graves, e como potente ferramenta na terapêutica em saúde mental, explorando os interesses e as dificuldades individuais, as construções em grupo e a expansão do cuidado para fora da instituição.

Introdução

Através do relato de uma experiência, durante o período de um ano (2016-2017), com pacientes em tratamento no CAPS UNIFESP, caracterizado ao longo do seu percurso como AT em grupo, este trabalho visa reflexionar sobre a contribuição

das práticas do Acompanhamento Terapêutico (AT)¹ no tratamento dos transtornos mentais graves nas instituições da Saúde Pública, aliado aos preceitos da desinstitucionalização no campo da Reforma Psiquiátrica e sustentado pela teoria e prática do A.T.; sobretudo através de alguns conceitos fundamentais: a.t. como função, o passeio, sujeito de desejo e o laço social.

Partindo de um desejo expresso de um dos usuários do serviço, por um grupo em que pudesse aprimorar seu conhecimento do idioma inglês, surgiu a proposta de uma oficina de idiomas, com encontros semanais realizados na instituição com a participação de seis participantes e duas psicólogas, utilizando-se do aprendizado do inglês, como veículo para condução de assuntos relacionados a família, situações cotidianas, sentimentos que em outros espaços ou contextos pudesse parecer difíceis de serem significados. O desenvolvimento desta oficina, possibilitou o surgimento de um campo para que a realização das atividades pudesse acontecer em outros locais públicos, sendo estes escolhidos juntamente com os participantes.

Hoje percebe-se um desejo dos participantes, de extensão do tempo-espacô para fora da instituição, quando eles passam a nos questionar sobre a abstenção de suas presenças nos grupos terapêuticos anteriores ao grupo de inglês para que a oficina seja realizada em espaços mais longínquos.

Relato de Caso

A possibilidade do grupo surgiu dentro de uma conversa entre um psiquiatra e um usuário do CAPS, onde foi observado a peculiaridade de um linguajar deste usuário, mesclado com vocábulos em inglês; indagado sobre a possibilidade de um aprimoramento do idioma e a dificuldade de submeter-se a uma demanda exclusiva, o paciente questiona a possibilidade que isto seja ofertado ao "conjuntivo"(SIC), posteriormente o pedido revertendo-se as psicólogas em voga.

Nomeado por este mesmo usuário de "EnglishWords", o grupo organizou-se em uma frequência semanal no período de duas horas, visando a singularidade e subjetividade de seus participantes, no envolvimento destes com os assuntos trabalhados no contexto da aula observou-se que a ideia da abordagem de certos

¹ Usaremos a abreviação "A.T." quando nos referimos ao Acompanhamento Terapêutico como uma prática clínica e "a.t." como abreviação ao referirmos ao profissional.

temas em outra língua que não a materna, abriu a possibilidade de reescrever ou compreender de uma outra forma aquilo que inicialmente percebeu-se como um assunto difícil de ser trabalhado ou até mesmo dito.

Atentas a essa possibilidade, e com o intuito de ampliar os assuntos e a circulação dos pacientes do CAPS para outros espaços que pudessem inclusive inspirar o surgimento de outros tantos, foi proposto, inclusive por um dos pacientes o espaço da biblioteca Viriato Corrêa, situada na região.

Inicialmente houve uma resistência dos demais participantes em realizar o grupo em outros horizontes, sob o pretexto da comodidade do não deslocar-se, e até mesmo um apego ao "mobiliário" que contribuía para que seus usuários permanecessem atrelados a "casa CAPS", extensão de sua residência domiciliar e exílio do mundo exterior, porém com a idéia do deslocamento sustentado pelas facilitadoras, os encontros do grupo de inglês passaram a acontecer no espaço da biblioteca, lá os pacientes participantes do projeto ficaram conhecidos como frequentadores, munindo-se até de carteirinhas para locações de livros, posteriormente sendo convidados para outros eventos do local e ampliando estes convites para os outros usuários do CAPS.

Esse primeiro local de saída, proporcionou um questionamento interno do grupo na circulação de outros lugares, encontrando como suporte, o próprio desejo do analista na figura das facilitadoras de grupo, desta forma, foram visitados o Centro Cultural Vergueiro, uma praça local, o Museu da Imagem e do Som e o Parque Ibirapuera. As trocas sociais, expandem-se aos diálogos com transeuntes da cidade, pela rua Augusta, aos frequentadores do museu, atendentes de supermercados e lojistas, imbuídos e empoderados de um novo vocabulário, arriscam-se a romper fronteiras e tecer diálogo até mesmo com estrangeiros que encontram pelo caminho.

Breve Reflexão teórica: Discussões e Resultados

É importante destacar aqui que o AT nasce como fundamental estratégia frente à substituição dos manicômios e da lógica asilar na atenção de pessoas com transtornos mentais graves, tendo a psiquiatria, como agente de exclusão, cronificação e isolamento do sujeito adoecido, mesmo naquelas instituições consideradas “reformistas”. Segundo Antúnez et al. (2011), o AT é entendido como

fruto da reforma psiquiátrica, sendo que alguns movimentos principais colaboraram fortemente para esse surgimento conforme sintetiza Amarante (2003, p.27).

[...] A psicoterapia institucional [França] e as comunidades terapêuticas [Inglaterra], representando as reformas restritas ao âmbito asilar; a psiquiatria de setor [França] e a psiquiatria preventiva [EUA], representando o nível de superação das reformas referidas ao espaço asilar; por fim a antipsiquiatria [Inglaterra] e as experiências surgidas a partir de Franco Basaglia [Itália] como instauradora de rupturas com os movimentos anteriores, colocando em questão o próprio dispositivo médico psiquiátrico e as instituições e dispositivos terapêuticos a ele relacionados.

Partindo desse questionamento da lógica asilar nas instituições, o AT se mostra como potente ferramenta na expansão de tratamento. Sereno e Porto (1991 apud Belloc et al 2017) definem o Acompanhamento Terapêutico como "práticas de saídas pela cidade, com a intenção de montar um guia que possa articular o paciente na circulação social através de ações, sustentado por uma relação de vizinhança do acompanhante com o louco e a loucura, dentro de um contexto histórico.", assim, esta modalidade de atenção utiliza do espaço social, da cidade, para circular com a pessoa.

Segundo Hermann (2012), quando pensado como função, o AT convoca o profissional da saúde mental a ampliar o setting de tratamento possibilitando novas potencialidades clínicas, como pode ser observado no grupo do EnglishWords, que traz consigo o objetivo de pensar sobre estratégias de como lidar com as situações cotidianas que envolvam algum grau de complexidade aos pacientes que apresentam alguma dificuldade nas relações sociais, utilizando-se do aprendizado do idioma e dos interesses que surgem de seus participantes e a circulação destes em outros espaços da cidade.

Nota-se também uma modificação quanto a força e a coletividade do grupo que transpassa o período de suas atividades organizando passeios aos fins de semana, ainda que não sejam concluídos. De acordo com Jerusalinsky (2016), o dispositivo do A.T. em um projeto terapêutico interdisciplinar acredita que mais importante que a adequação do sujeito ao meio, seja a prevalência de um sujeito desejante e o laço que se produz de modo sustentado na relação com os outros, pela qual se faz possível compartilhar.

Ao transferirmos aos participantes do grupo a possibilidade de escolha do local a serem realizadas as oficinas, não somente os posicionamos como sujeitos de desejo, mas também sustentamos o laço social, puderam também construir uma narrativa subjetiva, através de cada sugestão de passeio anunciado por eles, compartilhando histórias e possibilitando a escuta às vezes tão deficitária.

"Desse modo a pergunta dirigida ao sujeito: onde passear? tem necessariamente o efeito de implicá-lo como sujeito de desejo, ou seja abre uma porta de saída da alienação e da clausura institucional ou domiciliar ao ter de decidir ele mesmo aonde quer ir" (PULICE, 2012, p.104)

Por último e não menos importante a autonomia que floresce para que estejam nos encontros sem que haja uma organização conjunta de saída da instituição e um afrouxamento dos conteúdos estigmatizantes em vista que alguns dos usuários passam a comunicar-se com a sociedade do entorno.

Considerações Finais

Na prática vivenciada nesse trabalho, pudemos observar que o grupo inicialmente realizado no espaço da instituição foi sendo ampliado na medida em que os participantes puderam expressar seu desejo e se apropriar do lugar de desejante, contribuindo para a realização do grupo em espaços fora.

Para essa expansão de tratamento, o grupo de inglês foi constituindo-se em uma prática de AT em grupo levando o sujeito a circulação pela cidade e possibilitando as construções, desafios e trocas em grupo e abrindo a possibilidade de pensar em um cuidado e tratamento para fora das paredes da instituição.

Referência Bibliográfica:

ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre et al. (Org.). Acompanhamento Terapêutico: Casos clínicos e teorias. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 216 p.

BELLOC, Márcio Mariath et al. (Org.). Além dos Muros: Acompanhamento Terapêutico como Política Pública de Saúde Mental e Direitos Humanos: [recurso

eletrônico] (Série Atenção Básica e Educação na Saúde). 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. 269 p.

SERENO, Deborah. Sobre a ética no acompanhamento terapêutico (AT). **Psicologia Revista**, [S.I.], v. 21, n. 2, p. 217-232, maio 2013. ISSN 2594-3871. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/15135>>. Acesso em: 30 set. 2017.

HERMANN, Maurício Castejón. Acompanhamento Terapêutico e Psicose: Articulador do Real, Simbólico e Imaginário. 1. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012. 285 p. v. 2.

JERUSALINSKY, Julieta et al. (Org.). Travessias e Travessuras no acompanhamento terapêutico. Salvador: Ágalma, 2016. 296 p.

PORTE, Mauricio. Acompanhamento Terapêutico: Coleção Clínica Psicanalítica dirigida por Flávio Ferraz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. 304 p.

PULICE, Gabriel Omar. Fundamentos Clínicos do Acompanhamento Terapêutico. 1. ed. São Paulo: Zagadoni, 2012. 191 p.

La contribución del Acompañamiento Terapéutico en el tratamiento de los trastornos mentales graves de los usuarios del CAPS / UNIFESP

Eje temático: La técnica del AT en sus diversos campos de actuación

Este trabajo, aliado a los preceptos de la desinstitucionalización en el campo de la Reforma Psiquiátrica, reflexiona sobre la contribución de las prácticas del Acompañamiento Terapéutico (AT) en el tratamiento de los trastornos mentales graves, aplicados en los equipos de instituciones de Salud Pública.

Para eso, se realizó un estudio de las intervenciones en un grupo terapéutico itinerante de inglés con usuarios del CAPS (Centro de Atención Psicosocial), de la Universidad Federal de São Paulo; que se basan en los informes de los encuentros ocurridos en el período de un año (Agosto 2016 - Agosto 2017), en la fundamentación teórica sobre los conceptos del at (acompañante terapéutico) como función y lo que se denomina "empuje a la ciudad", en este caso, el rescate de la circulación del paciente en la sociedad.

El grupo terapéutico de inglés se constituyó en una nueva práctica de AT en grupo, posibilitando una nueva vertiente de tratamiento para pacientes con trastornos mentales graves, y como potente herramienta en la terapéutica en salud mental, explorando los intereses y las dificultades individuales, las construcciones en grupo y la expansión del cuidado fuera de la institución.

Palabras clave: AT, Salud Mental, Salud Pública, Grupos Terapéuticos

Introducción

Por el relato de una experiencia, durante el período de un año (2016-2017), con pacientes en tratamiento en el CAPS UNIFESP, caracterizado a lo largo de su recorrido como AT en grupo, este trabajo pretende reflexionar sobre la contribución de las prácticas del Acompañamiento Terapéutico (AT) en el tratamiento de los trastornos mentales graves en las instituciones de la Salud Pública, aliado a los preceptos de la desinstitucionalización en el campo de la Reforma Psiquiátrica y sostenido por la teoría y práctica del AT; sobre todo a través de algunos conceptos fundamentales: a.t. como función, el paseo, sujeto de deseo y el lazo social.

A partir de un deseo expreso de uno de los usuarios del servicio, por un grupo en que pudiera perfeccionar su conocimiento del idioma inglés, surgió la propuesta de un taller de idiomas, con encuentros semanales realizados en la institución con la participación de seis participantes y dos psicólogas, utilizando el aprendizaje del inglés, como vehículo para la conducción de asuntos relacionados con la familia, situaciones cotidianas, sentimientos que en otros espacios o contextos pudieran parecer difíciles de ser significados. El desarrollo de este taller, posibilitó el surgimiento de un campo para que la realización de las actividades pudieran ocurrir en otros lugares públicos, siendo elegidos junto con los participantes.

Hoy se nota un deseo de los participantes, de extensión del tiempo-espacio fuera de la institución, cuando ellos pasan a cuestionarse sobre la abstención de sus presencias en los grupos terapéuticos anteriores al grupo de inglés para que el taller sea realizado en espacios más lejanos .

Informe de caso

La posibilidad del grupo surgió dentro de una conversación entre un psiquiatra y un usuario del CAPS, donde se observó la peculiaridad de un lenguaje de este usuario, mezclado con vocablos en inglés; preguntado sobre la posibilidad de un perfeccionamiento del idioma y la dificultad de someterse a una demanda exclusiva, el paciente cuestiona la posibilidad que se le ofrezca al "conjuntivo" (SIC), posteriormente el pedido revirtiendo a las psicólogas de este trabajo.

Nombrado por este mismo usuario de "EnglishWords", el grupo se organizó en una frecuencia semanal en el período de dos horas, visando la singularidad y subjetividad de sus participantes, en la participación de éstos con los asuntos trabajados en el contexto de la clase se observó que la idea del enfoque de ciertos

temas en otra lengua que no la materna, abrió la posibilidad de reescribir o comprender de otra forma lo que inicialmente se percibió como un asunto difícil de ser trabajado o incluso dicho.

A la vista de esta posibilidad, y con la intención de ampliar los asuntos y la circulación de los pacientes del CAPS a otros espacios que pudieran incluso inspirar el surgimiento de otros tantos, fue propuesto, incluso por uno de los pacientes el espacio de la biblioteca Viriato Corrêa, de la región.

Inicialmente hubo una resistencia de los demás participantes en realizar el grupo en otros horizontes, bajo el pretexto de la comodidad del no desplazarse, e incluso un apego al "mobiliario" que contribuía para que sus usuarios permanecieran enganchados a "casa CAPS", extensión de su residencia domiciliar y exilio del mundo exterior, pero con la idea del desplazamiento sostenido por las facilitadoras, los encuentros del grupo de inglés pasaron a ocurrir en el espacio de la biblioteca, allí los pacientes participantes del proyecto quedaron conocidos como frecuentadores, hasta con tarjetas para alquileres de libros, posteriormente siendo invitados a otros eventos del sitio y ampliando estas invitaciones a los demás usuarios del CAPS.

Este primer lugar de salida, proporcionó un cuestionamiento interno del grupo en la circulación de otros lugares, encontrando como soporte, el propio deseo del analista en la figura de los facilitadores de grupo, de esta forma, fueron visitados el Centro Cultural Vergueiro, una plaza local, el Museo de la Imagen y del Sonido, Parque Ibirapuera. Los intercambios sociales, se expanden a los diálogos con transeúntes de la ciudad, por la calle Augusta, a los frecuentadores del museo, asistentes de supermercados y comerciantes, imbuidos y empoderados de un nuevo vocabulario, se arriesgan a romper fronteras y tejer diálogo incluso con extranjeros que encuentran por el camino.

Breve reflexión teórica: Discusiones y resultados

Es importante destacar aquí que el AT nace como fundamental estrategia frente a la sustitución de los manicomios y de la lógica asilar en la atención de personas con trastornos mentales graves, teniendo la psiquiatría, como agente de exclusión, cronificación y aislamiento del sujeto enfermo, incluso en aquellas instituciones consideradas "reformistas". Según Antúnez et al. (2011), el AT es

entendido como fruto de la reforma psiquiátrica, siendo que algunos movimientos principales colaboraron fuertemente para ese surgimiento conforme sintetiza a Amarante (2003, p.27).

[...] La psicoterapia institucional [Francia] y las comunidades terapéuticas [Inglaterra], representando las reformas restringidas al ámbito asilar; la psiquiatría de sector [Francia] y la psiquiatría preventiva [EEUU], representando el nivel de superación de las reformas referidas al espacio asilar; por fin la antipsiquiatría [Inglaterra] y las experiencias surgidas de Franco Basaglia [Italia] como instauradora de rupturas con los movimientos anteriores, poniendo en cuestión el propio dispositivo médico psiquiátrico y las instituciones y dispositivos terapéuticos a él relacionados.

A partir de ese cuestionamiento de la lógica asilar en las instituciones, el AT se muestra como potente herramienta en la expansión de tratamiento. Sereno y Porto (1991 apud Belloc et al 2017) definen el Acompañamiento Terapéutico como "prácticas de salidas por la ciudad, con la intención de montar un guía que pueda articular al paciente en la circulación social a través de acciones, sostenido por una relación de vecindad del acompañante con el loco y la locura, dentro de un contexto histórico. ", así, esta modalidad de atención utilizan el espacio social, de la ciudad, para circular con la persona.

Según Hermann (2012), cuando se piensa como función, el AT convoca al profesional de la salud mental a ampliar el ajuste de tratamiento posibilitando nuevas potencialidades clínicas, como puede ser observado en el grupo de EnglishWords, que trae consigo el objetivo de pensar sobre estrategias de cómo que se ocupan de las situaciones cotidianas que involucran algún grado de complejidad a los pacientes que presentan alguna dificultad en las relaciones sociales, utilizando el aprendizaje del idioma y los intereses que surgen de sus participantes y la circulación de éstos en otros espacios de la ciudad.

Se nota también una modificación en cuanto a la fuerza y la colectividad del grupo que traspasa el período de sus actividades organizando paseos a los fines de semana, aunque no sean concluidos. De acuerdo con Jerusalinsky (2016), el dispositivo del A.T. en un proyecto terapéutico interdisciplinario cree que es más importante que la adecuación del sujeto al medio, sea la prevalencia de un sujeto

deseante y el lazo que se produce de modo sostenido en la relación con los demás, por la cual se hace posible compartir.

Al trasladar a los participantes del grupo la posibilidad de elegir el lugar a realizar los talleres, no sólo los posicionamos como sujetos de deseo, pero también sostenemos el lazo social, pudieron también construir una narrativa subjetiva, a través de cada sugerencia de paseo anunciado por ellos , compartiendo historias y posibilitando la escucha a veces tan deficitaria.

"De ese modo la pregunta dirigida al sujeto: ¿dónde pasear? Tiene necesariamente el efecto de implicarlo como sujeto de deseo, o sea abre una puerta de salida de la alienación y de la clausura institucional o domiciliar al tener que decidir él mismo a dónde quiere ir" (PULICE, 2012, p.104)

Por último y no menos importante la autonomía que florece para que estén en los encuentros sin que haya una organización conjunta de salida de la institución y un aflojamiento de los contenidos estigmatizantes en vista de que algunos de los usuarios pasan a comunicarse con la sociedad del entorno.

Consideraciones finales

En la práctica vivida en ese trabajo, pudimos observar que el grupo inicialmente realizado en el espacio de la institución fue ampliado en la medida en que los participantes pudieron expresar su deseo y apropiarse del lugar de deseante, contribuyendo a la realización del grupo en espacios fuera.

Para esta expansión de tratamiento, el grupo de inglés se constituyó en una práctica de AT en grupo llevando al sujeto a la circulación por la ciudad y posibilitando las construcciones, desafíos y cambios en grupo y abriendo la posibilidad de pensar en un cuidado y tratamiento para fuera de las paredes de la institución.

Referencia Bibliográfica

ANTÚNEZ, Andrés Eduardo Aguirre et al. (Org.). Acompanhamento Terapêutico: Casos clínicos e teorias. 1. ed. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2011. 216 p.

BELLOC, Márcio Mariath et al. (Org.). Além dos Muros: Acompanhamento Terapêutico como Política Pública de Saúde Mental e Direitos Humanos: [recurso eletrônico] (Série Atenção Básica e Educação na Saúde). 1. ed. Porto Alegre: Rede Unida, 2017. 269 p.

SERENO, Deborah. Sobre a ética no acompanhamento terapêutico (AT). **Psicologia Revista**, [S.I.], v. 21, n. 2, p. 217-232, maio 2013. ISSN 2594-3871. Disponível em: <<https://revistas.pucsp.br/index.php/psicorevista/article/view/15135>>. Acesso em: 30 set. 2017.

HERMANN, Maurício Castejón. Acompanhamento Terapêutico e Psicose: Articulador do Real, Simbólico e Imaginário. 1. ed. São Bernardo do Campo: UMESP, 2012. 285 p. v. 2.

JERUSALINSKY, Julieta et al. (Org.). Travessias e Travessuras no acompanhamento terapêutico. Salvador: Ágalma, 2016. 296 p.

PORTE, Mauricio. Acompanhamento Terapêutico: Coleção Clínica Psicanalítica dirigida por Flávio Ferraz. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2015. 304 p.

PULICE, Gabriel Omar. Fundamentos Clínicos do Acompanhamento Terapêutico. 1. ed. São Paulo: Zagadoni, 2012. 191 p.